

Psicanálise de crianças: a importância do aprender a pensar¹

Child psychoanalysis: the importance of learning to think

Clarice Maria Jahn Ribeiro*

Andrea Gabriela Ferrari**

Milena da Rosa Silva***

Resumo

Quando uma criança chega à análise, espera-se que ela venha para protagonizar sua própria história. Analisar o material clínico sustentado pela teoria do pensar de Bion pode fornecer a ampliação das nossas experiências, permitindo-nos refletir sobre nossas práticas e sobre como selecionamos certos padrões da personalidade do paciente para tomá-los como material de análise. As intervenções do analista precisam possibilitar a expressão de brincar livre da criança para que ela possa explorar e constituir uma narrativa própria. Assim a função psicanalítica, na articulação da teoria do pensar com a sexualidade infantil, permite a construção de uma autenticidade em direção ao si mesmo.

Palavras-chave: Sexualidade infantil. Teoria do pensar. Psicanálise com crianças. Bion.

Abstract

This article is an effort to investigate the clinical treatment of children using, as a reference, Wilfred Ruprecht Bion's psychoanalytic theory of thinking. To him, it is the emotional experience that promotes the complex process of the formation of the psychic apparatus and the human thinking. We take two clinical vignettes to articulate and illustrate how his theoretical concepts carry a load of

¹ Este trabalho é fruto de dissertação de mestrado realizada pela primeira autora, orientado pela segunda e terceira autoras.

* Instituto Cyro Martins, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil clarice.ribeiro@terra.com.br

** Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Membro do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora das temáticas sobre infâncias, gênero e psicanálise. Porto Alegre, RS, Brasil. ferrari.ag@hotmail.com

*** Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Co-coordenadora do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS, Brasil. milenarsilva@hotmail.com

uncertainty and incompleteness, in order to, in clinical work, select and discriminate the different functions of the child's personality, which allows to communicate and transform the psychic elements involved in the construction of thinking and playing in the session.

Keywords: *Infantile sexuality. Theory of thinking. Children's psychoanalysis. Wilfred Bion.*

É um assunto da maior urgência possível que o animal humano possa descobrir que tipo de animal ele é antes que varra a si mesmo da face da Terra. (BION, 1977/1979, p. 19)

1. Preparando a investigação psicanalítica com crianças: interligando os diversos conhecimentos para compreender quem somos e como é o nosso porvir

Na psicanálise de crianças, a interlocução com outras áreas do conhecimento é bem mais evidente, pois geralmente a criança vem ao encontro do psicanalista pelas mãos ou dos pais, ou da família, ou por solicitação da escola, da psicopedagogia, da pediatria, da neurologia, do jurídico, da assistência social. Criar uma comunicação aberta com esses outros campos de conhecimento, e simultaneamente manter sua especificidade como função é um posicionamento epistemológico importante para que esses aspectos não ofusquem o propósito da tarefa psicanalítica. Analisar implica tentar entender distintos fatores conscientes e inconscientes que envolvem o viver da criança, suas experiências emocionais, seu aprender, seu crescimento mental e seus vínculos. Vínculos que revelam como essa criança pertence a uma família e a outros grupos sociais, além de expressarem as complexas nuances do seu mundo interno.

Outra perspectiva a ser investigada no contexto clínico, envolve, também, interagir com o futuro, pois o crescer das crianças tem implicações éticas e preocupações em relação às condições necessárias para a vida humana. “O que você vai ser quando crescer?” Uma interrogação pertinente a muitas brincadeiras infantis, expressa a dimensão temporal presente na inter-relação das circunstâncias que acompanham o viver. Conte (2019) definiu como pós-psicanálise o posicionamento não linear e indeterminado diante do fazer do psicanalista contemporâneo. Partindo de princípios de observação, a psicanálise lida tanto com suas teorias, quanto com os outros aspectos do conhecimento humano. Abrange diferentes formas de analisar a realidade dos fenômenos clínicos, incluindo a transitoriedade, a diversidade e a incerteza da experiência. Segundo o autor a pesquisa psicanalítica trabalha simultaneamente com conjecturas imaginativas e lógicas racionais não lineares.

Para Chuster (2014), a psicanálise, a partir das contribuições de Wilfred Bion, vai se ocupar da análise dos vínculos, enfatizando que sua práxis não está pautada em educar, traçar diagnósticos, adaptar, prestar conselhos, embora seus efeitos possam influenciar estas ações. A relação de analista e analisando oportu-

niza que a função analítica aconteça, permitindo que uma “conversa esquisita” possa ir revelando aquilo que não foi percebido, não foi colocado em palavras, mas diz da experiência emocional partilhada no aqui e agora da sessão.

O processo psicanalítico percorre, em termos simbólicos, as experiências emocionais da vida humana na tentativa de pensar o viver. Analisar implica sair do senso comum do cotidiano e abrir novos vértices de observação. Para que isto ocorra, Bion adverte que esse processo provoca grande dose de transtorno, turbulência emocional e que ambos, psicanalista e paciente, precisaram aprender a enfrentar e reconhecer os efeitos envolvidos: “Vai haver uma pressão emocional contra cada um de nós que ousa atribuir importância ao indivíduo e que ousa ser, ele mesmo, um indivíduo” (BION, 1978/1961, p. 74). Ilustremos, partindo de nossa experiência clínica, com uma vinheta para exercitar essa perspectiva. Observamos que detalhes foram suprimidos, e o nome do paciente envolvido foi trocado para preservar o sigilo e sua identidade.

Eduardo, 6 anos, é um menino que “*toca terror na escola*”. Segundo sua professora, não tem dificuldades de aprendizagem, porém parece desinteressado do ambiente e de estímulos da sala de aula. Bate nos colegas, apropria-se de materiais escolares alheios, briga nos jogos, não se importa com as regras. A orientadora educacional diz estar aflita, pois nota que seu agir obedece ao impulso da raiva: xinga, oprime ou instiga para que outra criança pratique agressão.

As sessões ajudam que Eduardo possa olhar para si na relação consigo mesmo e com os outros, e ter condições de ampliar suas escolhas. No quinto mês de análise, no consultório, joga os bonequinhos heróis e vilões por trás das poltronas e do divã. “*Morreram todos, não há esperança nas galáxias*”. De pé, permanece no meio da sala e se deixa cair em silêncio; permanece uns cinco minutos deitado de bruços no tapete de e.v.a. azul que tanto lhe serviu de cenário para sua Via Láctea. Quando comento que se sente sozinho e perdido, prontamente senta-se e grita: “*Mentira, os vilões não estão nem aí. Ninguém gosta deles. Eles não gostam de ninguém*”. Comento que deve existir diferentes motivos para se chegar a ser um vilão, mas que todos eles tinham uma coisa em comum: não puderam escolher um outro jeito de enfrentar o medo. Só sabiam lutar e fugir. Não parecia, mas escondido, lá no fundo da alma, os vilões tinham muito medo. Eduardo, logo rebateu: “*Eles não têm medo nada, eles não têm medo de morrer*”. Depois de um silêncio na sala, digo que concordava com sua opinião: “*Eles não têm medo de morrer, os bandidos. Os vilões têm medo de viver. Tu já viu um vilão vivendo na tranquilidade, felizão, de boas, comendo picolé na beira da praia, ou tomando sol numa praça?*”. Num voleio

rápido ele anuncia: “*Tu é boba*”. E numa voz calma pausada que abranda sua rispidez, sugiro: “*pensa comigo, se não é chata a vida dos vilões*”. Demorou mais algum tempo para Eduardo se desfazer de sua inquietação e ter a bravura de sentir sentimentos, passando a comunicá-los através das palavras, ou dos enredos de suas brincadeiras. Antes, em seu desenhar ou brincar com vilões, evadia-se da sensação de ter sobrevivido a um desastre. Algumas idas à escola foram necessárias para desfazer a atmosfera fatalista de que Eduardo era um pequeno delinquente. Também a escola procurou buscar outras formas de relacionamento diante de um impasse aparentemente provocado pelas atitudes de Eduardo. Ao sair da condição de quem sofre ataques, o grupo acaba instaurando modalidades de reconhecimento e de respeito às dificuldades do aluno, à riqueza afetiva; o empenho da professora restabeleceu uma comunicação mais efetiva e Eduardo aceitou realizar o trabalhoso exercício da convivência grupal. Acreditamos que a intervenção psicanalítica é potente ferramenta para contribuir para que um grupo possa compreender seus problemas e se coloque na posição de pensá-los. Como refere Bion (1977/1979) às vezes “é difícil saber o que fazer com a capacidade de pensar” (p. 186).

Pensar é complexo, exige negociação interna no plano individual e alinhamento de expectativas e frustrações perante o social. A criança ainda imatura está construindo essa experiência. Buscar criativamente novos arranjos e novas combinações frente à capacidade humana de simbolizar criando novos significados, não é uma tarefa natural: vai exigir experimentar a realização de certos padrões psíquicos complexos.

Consideramos que as contribuições de Bion (1962/1991, 1963/2004) a respeito do pensar são relevantes para a psicanálise, como dispositivos de investigação clínica, no sentido de buscar compreender como se dá o processo de crescimento mental na personalidade humana. Esse autor descreveu como as dimensões psíquicas de espaço e tempo provocam e são provocadas pelas transformações que uma personalidade experiencia ao longo de sua vida. O espaço do pensamento originariamente é o lugar das emoções. Ao tomar as emoções básicas (L amor, H ódio e K, sede de conhecimento) e as funções da mente como premissas teóricas, certos problemas epistemológicos passaram a ser compreendidos a partir da interdependência da experiência emocional, do modo como cada indivíduo usa o pensar e das distintas relações estabelecidas no decorrer da vivência. Neste sentido, quando teoricamente tomamos o ponto de vista da função psíquica, ao examinarmos a determinação de uma causa, ou a naturalização de um preceito, estes só podem ser compreendidos a partir da interdependência de uso e das distintas relações estabelecidas entre os vín-

culos emocionais. Bion (1977/1979) aponta que ao pensar podemos tomar dois caminhos: o vértice das conjecturas imaginativas, e o vértice das conjecturas racionais. Nas conjecturas imaginativas somos tomados pela nossa intuição, para produzir compreensões, mantendo aspectos indeterminados do pensar, onde as ideias e as emoções não correspondem aos fatos. Já as conjecturas racionais criam probabilidades, determinam certos padrões em favor da objetividade, sacrificando aspectos do fenômeno para representar os fatos. São convenções provisórias, até que outra melhor represente os fatos da vida de forma mais aproximada. Ambos os vértices são úteis para o pensar, correspondem a jogos que a mente humana executa para produzir linguagem; funcionam como exercícios simultâneos do pensar com graus variáveis de simbolização. Esses distintos níveis de simbolização podem estar sendo usados de forma a buscar conhecimento, ou podem colocar em risco o funcionamento mental. Outro uso é pôr em risco o funcionamento criativo do pensar no grupo ao qual pertence, usando o pensar de forma fanática e dogmática. Daí, a importância de analisar de que modo os diferentes fatores se relacionam com a função psíquica tanto no âmbito social quanto no individual.

Retomemos a vinheta clínica acima apresentada. Nossa hipótese foi de que Eduardo tinha poucos recursos para representar seu medo, esquivava-se de forma onipotente de certos conteúdos que não estava sendo capaz de tolerar. A frustração de se sentir só e incompreendido era escondida atrás de uma atitude inquieta e agressiva. Percebíamos uma falha em Eduardo: toda sua descarga emocional e comportamental não o colocava em movimento em direção ao aprender a pensar. Disposto a lutar ou fugir, em seu mundo não havia espaço para entrar em contato e ampliar suas emoções e percepções.

Podemos pensar no interjogo da função continente e conteúdo. Bion (1963/2004) apoiado na concepção de identificação projetiva, sustenta que os conteúdos psíquicos (os sentimentos não digeridos pelo bebê) são projetados na mente da mãe que os digere, apaziguando a angústia. Assim esses conteúdos e esses continentes transformados são introjetados, possibilitando a constituição do aparelho de pensar pensamentos. Nas vivências de um bebê, por exemplo, ele experiencia as duas posições vibrando sutilmente e simultaneamente, de modo que o continente se apresenta como conteúdo e vice-versa. Desse modo, em certos aspectos como filha, a criança torna-se continente da “maternidade” da sua mãe, ao mesmo tempo que tem conteúdos psíquicos que espera partilhar com uma mãe continente. Nossa hipótese é que Eduardo não consolidou essa função. Sua longa análise permitiu que ele buscasse conjugar essas oscilações psíquicas por meio de recuperar uma atitude de confiança e

segurança diante de sua solidão e de seu desamparo, restituindo sua relação consigo mesmo e com seus grupos de convivência.

Bion (1970/2007) afirma que a função continente, contudo, não está garantida pelo crescimento e amadurecimento biológicos da criança. As condições psíquicas humanas são transmitidas por um ato de fé (que não é um estatuto religioso de alguma religião concreta, mas uma expectativa humana), são utopicamente buscadas pelas interações emocionais e pelas relações humanas. Essa transmissão é a travessia que toda criança percorre ao viver sua vida – Percurso não linear, que Bion designou como situação edípica, que se inicia desde antes do nascimento e segue ao longo da vida, como condição do psíquico, engendrando o reconhecimento da incompletude, do enigma e da incerteza.

O método de Bion (1962/1991) recorre a uma multiplicidade de vértices de investigação para incluir o indeterminismo no campo de investigação. A incerteza e a incompletude que Bion enxergou no modo como Freud descrevia a função da linguagem nas operações anímicas e na teoria dos sonhos foram o ponto de viragem para criar novos princípios de observação.² O rigor e o vigor do método são parâmetros que sustentam uma abertura metafórica, simbólica, que visa a ampliação da compreensão. A função onírica, produto da mente e produtor de sentidos, funciona como um processador de distintas realidades mentais, com interfaces de realização e de desejo. As múltiplas dimensões da mente: atenção, memória, compreensão, sentimentos, pensamentos, ao serem expressas, marcam o humano, é o encontro do ser como singularidade e como espécie.

O sonho na teoria bioniana (1992/2000) é um artefato da mente, um recurso (figura/tempo) simbolizante que põe em funcionamento o viver relacional e emocional do sonhador. O que está em jogo é a negociação consciente e inconsciente de elementos psíquicos dispersos vividos como frustrantes e persecutórios, com elementos harmonizadores sentidos como satisfatórios e seguros. Essa transição como estrutura dialógica, regula as funções psíquicas, ora descarregando os objetos psíquicos como dejetos, ora preservando e arma-

² Os princípios de observação da psicanálise: Descritos por Bion (1962/1991) e ampliados por Chuster (2018) direcionam o fazer da psicanálise como um saber espectral e multidimensional. Princípio da Incerteza: Em 1927, o físico Heisenberg ao calcular a trajetória de um elétron descobriu que o observador altera a coisa que está sendo observada; portanto, haverá sempre uma imprecisão na observação. Bion faz uma correspondência em relação ao inconsciente, considerando que jamais conheceremos certos aspectos da mente. O princípio da incompletude: Em 1931, Kurt Gödel formulou que um teorema não pode ser simultaneamente completo e consistente – Teorema da Incompletude.

zenando os objetos psíquicos como nutrientes formando barreiras de contato que sustentam sentidos, representações e experiências emocionais. Esta função é denominada pelo autor como PS \leftrightarrow D (posição esquizoparanoide e posição depressiva). Bion retira das compreensões kleinianas a dinâmica desse funcionamento. Mas cabe à função α (alfa) a disposição de selecionar e garantir as condições psíquicas de ser no mundo de um indivíduo. Nesse sentido, a função α é uma capacidade da personalidade com qualidades destinadas a tomar contato com objetos vivos e estabelecendo relações consigo mesmo que impliquem construção de uma autonomia, ainda que interdependente. Ao nomear de alfa esta função, a intenção do autor foi enfatizá-la como um operador lógico e linguístico, mantendo um espaço do imprevisível e do mistério, que como incógnita, *a priori* não possui significado. O significado só pode ser dado a partir da experiência emocional, seja ela evocada como memória, ou vivida como atualidade.

2. O nascimento do pensar

Tomamos a obra de W. R. Bion como fonte valiosa na compreensão do universo da infância contemporânea. Fazemos aqui especialmente um recorte relativo ao trabalho clínico com questões de gênero na infância.

Sendo o pensar o espectro intrapsíquico, Bion (1962/1991, 1967/1994) propõe que este processo passe por contínua transformação. Sua evolução passe pelas seguintes configurações:

1. Pré-concepção – originariamente, possui uma forma vazia e livre da percepção, são expectativas mentais ainda sem conteúdo. Tomado das ideias de Kant, que argumenta: “Pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas” (KANT, 1781/2001, p. 87). Sugerindo que exista um conhecimento independente da experiência e mesmo independente de todas as impressões sensoriais, mas ele é vazio, anunciando-se como uma expectativa, estando *a priori* da experiência. Bion (1967/1994) exemplifica com o modelo da expectativa inata de que um recém-nascido tem de ir em direção a um seio que o alimente.

2. Concepção – associada invariavelmente a uma experiência emocional de satisfação, a concepção se inicia por meio da associação de uma pré-concepção com uma realização. A realização é o encontro com a experiência no sentido de estar no campo do real, do factual, por intermédio de uma ação específica. Retomando o modelo de um bebê com uma expectativa inata de

procurar um seio e a mente da mãe para suprir suas demandas, esse bebê passará a conceber o seio, quando o encontrar, e passar pela experiência da mamada, registrando mentalmente e emocionalmente os vínculos implicados nessa experiência: cheiros, sons, ritmos, as emoções do bebê, o amor da mãe, a constância de sua presença e toda a atmosfera que cria um clima de confiança em relação aos seus cuidados. O seio real (ou outro recurso que o substitui e encarrega-se da função materna) encontra e integra-se com a personalidade da mãe e promove a concepção do bebê. Nesse processo haverá sempre uma hiância entre a expectativa do seio e o encontro com o seio real. Assim, a realização deixa uma diferença e nunca satisfaz totalmente a pré-concepção. Ocorre então, uma frustração, e é a partir dessa hiância, que Bion (1967/1994) designa como não-seio, que vai haver a possibilidade da constituição do pensar. A concepção do seio ascende às condições do mental, alimentando os elementos que se arranjam no espaço/tempo, no dentro-fora, no continente-conteúdo.

3. Conceito – o conjunto de arranjos de diversas concepções produzirá condições de a mente construir um nível de abstração mais sofisticado, designado de conceito. Isso proporciona a constituição de uma textura emocional mais complexa e irá servir como instrumento de elucidação ou expressão de uma verdade, contribuindo para um domínio para outro nível de compreensibilidade do mundo; cria-se um modelo de aproximação da verdade. Entendendo que esta é inacessível, só apreensível no campo da linguagem e suas estruturas lógicas, os conceitos permitem a comunicação, uma base que armazena certas informações para as trocas e as interações.

Se a teoria kleiniana tem alguma coisa a ver com os fatos reais, as crianças devem ser kleinianas maravilhosas, pois elas sabem tudo a respeito do sentir disto. Mas elas não têm nenhum conceito: não podem escrever nenhum destes grandes livros – seus conceitos são cegos. Depois, acabam esquecendo como é sentir-se aterrorizado; pegam essas palavras, mas elas são vazias – ‘Estou aterrorizado’. Você tem que perceber que isto é uma frase vazia, é um conceito, é apenas verbal; falta a intuição. Se pudermos chamar a atenção a este fato, então é muito possível que o conceito e o sentimento de terror pudessem se casar. O procedimento analítico é uma tentativa de introduzir o paciente a quem ele é, pois, goste ou não, isto é um casamento que vai durar tanto tempo quanto ele viver. Quando o paciente fala sobre o terror ele realmente sabe sobre o que está falando (BION, 1977/1979, p. 117).

Assim, Bion concebe que o pensar não é dado *a priori*, mas depende dos desenvolvimentos dos pensamentos e, posteriormente, da formação de um aparelho psíquico de pensar os pensamentos. Esses pensamentos são postos à prova a cada nova experiência e interação social; portanto, são passíveis de transformações ou inibições, dependendo dos padrões que adquirem ao longo de um contexto de um indivíduo e seu ambiente social. “Restringirei o termo pensamento à união de uma pré-concepção com uma frustração” (BION, 1967/1994, p. 129).

Portanto, o pensar depende de que uma decisão seja tomada diante da frustração: fugir da insatisfação, ou modificar a frustração a partir da abertura de um trabalho de processamento dos pensamentos. Daí surge no indivíduo a demanda de consolidar esse acionamento por meio das funções da personalidade, para que os desejos possam ser realizados pelas experiências emocionais. Essencialmente, o que caracteriza a função é o fato de ela ser não saturada e incompleta, o que lhe permite penetrar na dimensão dos objetos, transformando-se com eles em unidades que se constituem assim inteligíveis e comunicáveis para outras pessoas.

A incompletude do bebê humano, sua prematuridade é produto de milhares de anos de um processamento autopoietico fruto da história cultural/natural de nossa espécie. Os ordenamentos funcionais do corpo, juntamente com as múltiplas constituições psíquicas, necessitam dos cuidados e das experiências emocionais partilhadas com aqueles que tomaram para si a função amorosa de tutelar esse bebê no mundo. Ao longo de suas vidas as crianças precisam ser ajudadas nesse amadurecimento.

Torna-se então necessário observar quais fatores promovem crescimento mental nas diferentes idades das crianças. Para isso Bion (1997/2015) propõe investigar as imbricadas interações entre corpo-mente e os distintos vínculos estabelecidos pela criança. Destacamos que a organização fálica como lógica psíquica de funcionamento mental é questionada por Bion, uma vez que a gênese do pensar se orchestra a partir da pré-concepção que não se centraliza em torno de um ordenador fixo. Ainda que possa existir o ordenamento fálico, ele não é estrutural, pois a mente é percebida por Bion como espectral. Como ilustração dessa ideia, destacamos a passagem a seguir:

A questão então é saber: qual seria a contraparte mental dessas mentiras, destas afirmações, do rubor enganoso da saúde escarada, desta aparência de saúde atlética somática e da aparente facilidade com que um corpo masculino pode manipular o tecido erético? Muitas pessoas foram engabeladas supondo que um

menino ou um homem é duplamente potente, por ter um pênis e por ele poder se tornar visivelmente ereto. Isso fica mais dissimulado na mulher, na qual pode ser muito mais difícil detectar quaisquer sinais de ereção, mas psicologicamente ela pode ser muito potente, muito mais potente do que o garoto ou o homem que ela esteja observando e de quem ela espera potência sexual (BION, 1997/2015, p. 29).

A possibilidade de ordenamento fálico nas concepções de Bion é um fator secundário, fruto de realizações posteriores. Lembramos que a mente primitiva possui pensamentos ainda sem um pensador, destacando que este padrão de funcionamento persiste, ainda que a mente se desdobre a padrões de funcionamentos mais sofisticados. Portanto, esses “pensamentos extraviados” brotam sem que possamos colocá-los em nenhuma categoria de domínio da mente nem os rastrear até uma genealogia. São selvagens, inacessíveis de imediato, precisando passar por um processo de domesticação, tanto para reconhecimento de “seu dono” quanto por parte do grupo e da cultura à qual pertencem.

Partindo dessas concepções se compreende que alguns fatos reais, bem como algumas reações corporais, manifestações mentais ou contingências clínicas não possuem uma representação *a priori*, apenas se apresentam no aqui e no agora e necessitam ser tomados pela função psicanalítica da mente, pela função α , durante um período de tempo, para que, então, algo possa tomar sentido, já que a compreensão não está posta, mas emerge do aprender com a experiência. De antemão, Bion (1977/1979) sugere que em determinadas situações, só podemos manter uma atitude de ignorância diante desse fenômeno observado. Assim, no processo psicanalítico, podemos entender que existe um espectro de possibilidades a serem realizadas, e não uma interpretação a ser alcançada. A categorização ou a atribuição adicional de significados e interpretações incorre em um fechamento desse campo de pesquisa. Inevitavelmente essa seleção, em determinadas circunstâncias, se faz necessária para a continuidade da compreensão ou organização da comunicação articulada. Daí a necessidade de implicar o impacto que o uso dessa manobra psíquica vai oferecer ao aparelho psíquico. Lembremos que o aparelho psíquico é autopoietico, portanto a própria função simbólica, a função psicanalítica necessita ser colocada em observação. Um dos vértices possíveis é o do uso. Assim um fato selecionado pode ser falso ou restrito. Pensemos nas compreensões heteronormativas elucidadas em algumas teorias psicanalíticas a respeito da sexualidade e do gênero, por exemplo. O uso da heteronormatividade como uma compreensão universal tem uma finalidade e uma realização de excluir as demais

compreensões. Tais saturações comprometem e limitam o processo psicanalítico. A função α é capturada por um juízo de domínio moral. Quando isso acontece, é necessária uma revisão dos princípios éticos. A partir dessa construção, nosso “fazer” analítico ganha novas perspectivas e novos questionamentos. A clínica psicanalítica de crianças segue investigando aspectos da sexualidade infantil, porém colocada a partir de perspectivas mais integrativas e complexas. Analisar o material clínico a partir desse posicionamento epistemológico pode fornecer a ampliação das nossas experiências, permitindo-nos refletir sobre nossas práticas e como selecionamos certos padrões da personalidade do paciente para tomá-los como material de análise. Nesse sentido, o psicanalista lança mão de seu repertório interpretativo de acordo com o conteúdo trazido pela criança em sessão. Quando uma criança chega à análise, espera-se que ela venha para protagonizar sua própria história. Terá uma travessia a percorrer: buscar ser para além do desejo dos pais e para além do desejo do seu psicanalista. Nosso desafio é permitir que isso aconteça.

3. Pensando e brincando a sessão

Recorro a uma vinheta clínica para refletir sobre essas diversas facetas implicadas no campo, com o objetivo de pesquisar aspectos do desenvolvimento infantil:

Paciente – Por que as fábricas de brinquedos não fazem brinquedos pra mim?

Não gosto dessa coisa menino ou menina. Queria misturar os bonequinhos.

Analista – Por que não inventamos um brinquedo com as tuas ideias, se tu tiver paciência, sabia que tua inteligência pode fabricar um brinquedo?

Paciente – Como?

Analista – Usando um truque dos vovôs. . .

Paciente – Teus vovôs tinham fábrica de brinquedos?

Analista – Não estou falando dos meus vovôs. Estou falando que na época em que os vovôs eram crianças não havia computador . . . alguns vovôs quando tinham tua idade e não tinham dinheiro, eles usavam esse truque para inventar brinquedos. . .

Paciente – Que truque é esse?

Analista – Calma, me conta primeiro como teus bonequinhos misturados são, os bonecos que tu pensou?

Paciente – Aaah eu queria ter um vestido. . . Menino pode usar rosa, e menina pode jogar futebol. . .

E foi assim que, durante várias sessões, Marcelo pode expressar suas emoções por meio do brincar e desenhar. Desenhando diferentes peças de roupas, explorando os recursos do lúdico, improvisamos um truque para ampliar as possibilidades de o paciente vivenciar no seu fazer sua singular busca de repertórios emocionais. Legitimar seu jeito de associar livremente. Inventando novos quebra-cabeças, Marcelo criou encaixes que permitiam diferentes combinações de roupas, acessórios, cabelos e detalhes do corpo. Assim foi além do modelo masculino/feminino oferecido pela caixa de brinquedos do meu consultório. Experimentou, no seu brincar, que um contexto fabricado pode ser modificado. Acreditamos que tanto o brinquedo quanto a cultura podem ser tomados como modelo, “produtos ideais”, à disposição do consumo, mas, de carona, engendram uma linguagem de substituição, endereçando, escondidos, uma falsa convenção natural. Dessa maneira, a intervenção tentou explorar diversas formas de o paciente viabilizar e visualizar seus pontos de vista. Naquele aqui e agora da sessão, o paciente tomou contato com o acontecer de sua singularidade, na urgência do movimento de suas emoções. De mãos dadas com seus sonhos, Marcelo foi montando e inventando seus bonecos misturados sem precisar nomeá-los antes de nascerem. A confecção, a realização por meio do lúdico constitui seu espaço e seu instante para integrar e ampliar seu pensar. Tomar suas fantasias e produzir seu brinquedo cria as condições de experimentar suas possibilidades, e essa é a abertura que o processo de uma análise tem a oferecer. Marcelo brincou a sessão, comparando-se àquilo que Bion (1965/2004) fala de sonhar a sessão. De forma afirmativa, a relação analisando e analista promove que a função psicanalítica da dupla explore e experiencie suas emoções de forma criativa.

Reconhecer as diferentes matrizes simbólicas do pensar de Marcelo, nos permitiu compreender que certos materiais que emergem da clínica poderiam ganhar interpretações saturadas pelo *establishment* psicanalítico. Assim, alguns analisandos não se beneficiariam pela falta de uma linguagem de êxito no interior do tratamento, não desenvolvendo um crescimento mental autêntico, já que a atenção flutuante exigida no método sofreria interferências da memória e do desejo da cultura psicanalista.

Nessa mesma direção, Ernest Bloch (2005), no seu livro *O princípio esperança*, aponta que na ânsia da procura de viver uma experiência autêntica, podemos produzir desejos refletidos, ou seja, uma identificação mimética diante da normatização social e moral, estabelecendo um afastamento em relação à realidade do sujeito. Entendemos que essa descrição se aproxima do conceito de linguagem de substituição (BION, 1970/2007) e agrega uma nova compreensão de como esse “piloto automático” surge nas situações clínicas.

Colocar as teorias psicanalíticas de Bion para trabalhar, nos permite construir novos vértices de observação em relação à sexualidade infantil. O fato de o tema tangenciar o brincar da criança na sessão, como ilustra a vinheta clínica, não significa que abordemos diretamente o material. O ponto de decisão na sessão, naquele momento, foi possibilitar a expressão de seu brincar livremente, para que o paciente explore e constitua sua identidade a partir de suas emoções, cabendo à função psicanalítica de sua personalidade ser capaz de transformar esses aspectos de uma identificação projetiva, “refletida” em um processo de construção para autenticidade de Marcelo em direção a si mesmo. Em seu sistema teórico, Bion não está preocupado com o valor diagnóstico, mas sim em fornecer novas direções ao fazer psicanalítico:

Sempre se pressupõe que estejamos aprendendo a nos comportar de um modo civilizado – desde o momento do nascimento. Em uma idade precoce, nós já aprendemos não só a não ser nós mesmos, mas quem devemos ser; nós temos um rótulo, diagnóstico, interpretação bem estabelecidos de quem somos. Só que os fatos continuam a existir. O que o paciente fala pode ser utilizado pelo analista como uma associação livre. [Por parte do analisando, pode ser que ele se engane, achando que é um modo de ignorarmos os fatos que ele comunicou. É necessário que o analista tenha claro, em sua mente, que isto não é assim]. No devido tempo, vai emergir um padrão que, então, por sua vez, pode ser interpretado. Como um subproduto, o paciente pode descobrir quem ele é. Pouquíssimas pessoas pensam que é importante ser apresentado a si mesmo; no entanto, um parceiro de quem o paciente jamais poderá se livrar, enquanto estiver vivo, é ele mesmo (BION, 1977/1979, p. 76).

Alguns padrões que se apresentam na fala dos pacientes nos disparam, em associações nada livres, frutos de nossa formação. Como não transformar nossas teorias em clichês na hora da sessão? Marina Ribeiro (2016) reporta o apego ao conhecido e à patologização do desconhecido como modos defensivos de se lidar com a experiência clínica. Sustenta, ainda, que se a constituição psíquica tem como qualidades distintas a polissemia e a plasticidade, essas características inviabilizam normatizações.

4. Considerações finais

Entendemos que, enquanto uma sessão ocorre, estão acontecendo múltiplos fatos. Quais, entre eles, selecionamos como sendo as possibilidades e os limites de um campo analítico? Quem é essa pessoa que se apresenta diante de nós, tentando ser ela mesma? Quem somos? Quais vínculos formaremos? Como, então, não tornar o desconhecido patológico? Como garantir que essa nova forma de observar o incognoscível se realize na clínica? Recorremos às teorias de Bion (1977/1979), que propõe – se possível fosse – a sustentação de um estado mental disciplinado, desnudado de memória, desejo e necessidade de compreensão. Tais atitudes sustentam o pesquisar o inconsciente e a clínica psicanalítica como um projeto cujo objeto é a subjetividade do ser humano, sua capacidade de receber o sentido, sua experiência emocional, sua capacidade de produzir novos sentidos abertos em todas as direções, explorando um espectro de infinitas possibilidades.

No aqui e agora das sessões, o vínculo analista-paciente cria incógnitas. Destinos tão demasiadamente humanos trazem a tarefa de suportar as incertezas que o encontro com uma criança nos impõe. Parciário truque, a analista convidou que o paciente Marcelo seguisse se questionando por meio do criar algo que permitisse a expressão de sua singularidade. Sem querer corrigir sua percepção, nem tomar seu impasse – “*não existem brinquedos feitos para mim*” – como um caminho defensivo ou resistencial diante do reconhecimento das diferenças sexuais, optamos por sugerir que ele pudesse sonhar e, depois, fabricar no desenhar, modelar e cortar seus próprios brinquedos. Bion (1962/1991, 1963/2004, 1970/2007) sugere que um tratamento psicanalítico deva conter vários vértices de pesquisa abertos ao desconhecido, e indefinidos. No recorte clínico, destacamos o desejo de brincar, a barreira social que fabrica um modelo binário do existir, a curiosidade, a expectativa do vínculo, o acontecer da sessão, o enfrentamento com o desconhecido e o mistério das emoções.

No artigo de 1962 chamado *Uma teoria sobre o pensar*, que se encontra em seu livro *Estudos psicanalíticos revisados*, Bion (1967/1994) formula uma teoria do pensar. Partindo das concepções do sonho em Freud (1900/1998), Bion refere que a capacidade de pensar os pensamentos nasce da dimensão simbólica, não possuindo um *locus* orgânico, uma substância, mas, sim, espaços vazios, configurações, campos sustentados pelos vínculos formados ao longo de um desenvolvimento do aparelho psíquico. Pensar é a faculdade humana da linguagem e da razão, impregnada de emoção, encarnada nas experiências da vida.

Assim são as diferentes constelações vinculares que passam a ser consideradas como os objetos da psicanálise, são a base da condição humana. Vínculos que podem ser estabelecidos entre pessoas, entre partes do próprio aparelho psíquico, entre o indivíduo e os grupos, ou entre o indivíduo e a cultura. Os vínculos são catalisadores que dão origem às experiências emocionais. Sem essas experiências emocionais não existem construções de conhecimentos, não existem crescimentos. A esse complexo Bion nominou como configuração edípica. Nessa perspectiva, a sexualidade é retirada de seu estatuto central, para ser tomada como mais uma das variáveis implicadas no viver humano.

Dínamo da condição humana, são os vínculos os promotores dos padrões de funcionamento mental: imprevisíveis, desconhecidos e indeterminados. Bion descreveu, em *Cogitações* (BION, 1992/2000), o pensamento como um produto desse campo interacional complexo e concebendo que os padrões de uma personalidade – tanto conscientes quanto inconscientes – possuem duas tendências intrínsecas: uma egocêntrica e a outra sociocêntrica. Presente no psiquismo humano, essa bipolaridade foi nomeada como o polo narcisista de um lado e o polo social-ista de outro. Se um sujeito com determinadas características, por exemplo, tem um impulso amoroso narcisista em direção a outro sujeito, então, os impulsos de ódio daquele serão dirigidos contra o grupo de características opostas às do objeto amado. Considera essa dualidade como uma característica da mente, mas que se organiza na complexidade dos elementos psíquicos de uma personalidade. Consideramos que tais contribuições podem ampliar a prática psicanalítica.

Retomando a vinheta, Marcelo, desejoso de tomar contato com suas constelações masculinas e femininas que compõem sua personalidade, acaba projetando seu ódio no binarismo civilizado, permitindo que ele confrontasse suas concepções do que seria “coisas de menino” e “coisas de menina”. No entanto, para que transformasse e integrasse suas emoções, a analista apresentou em forma de narrativa, uma herança geracional (“os vovôs criativos” que expressariam as reservas de memórias simbólicas) permitindo que saísse desse impasse, questionasse, se aproximasse dele mesmo, se emocionasse, acolhesse, criasse, expandisse e transformasse suas experiências.

Tramitação

Recebido 20/04/2021

Aprovado 28/08/2021

Referências

- BION, W. R. *Conferências brasileiras*: São Paulo 1973. Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. 1.
- _____. (1961). *Experiência com grupos*: os fundamentos da psicoterapia de grupos. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- _____. (1977). *Conversando com BION*: quatro discussões com W. R. BION. BION em Nova Iorque e em São Paulo. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- _____. (1975). Cesura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), p. 123-136, 1981.
- _____. (1977). A grade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15, p. 102-129, 1981.
- _____. *The long weekend*: 1897-1919: part of a life. London, NW: Karnac, 1982.
- _____. *All my sins remembered*: another part of a life & the other side of genius: family letters. London, England: Karnac, 1985.
- _____. (1976). Sobre uma citação de FREUD. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, p. 134-141, 1987.
- _____. (1977). Turbulência emocional. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 21, p. 121-133, 1987.
- _____. (1962). *Learning from experience*. London, England: Karnac, 1991.
- _____. (1973). Entrevista com BION. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 26(3), p. 443-464, 1992.
- _____. (1967). Uma teoria sobre o pensar. In: _____. *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 127-132.
- _____. (1992). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. (1963). *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1965). *Transformações*: do aprendizado ao crescimento. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. (1970). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- _____. (1997). *Domesticando pensamentos selvagens*. London, NW: Karnac, 2015.
- CONTE, J. *Beckett/Bion*: a criação do futuro. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2019.
- CHUSTER, A. *Simetria e objeto psicanalítico*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2018.
- CHUSTER, A.; SOARES, G.; TRACHTENBERG, R. W. R. *BION A obra complexa*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FREUD, S. (1900). *La interpretación de los sueños*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. (Obras completas de Sigmund Freud, 4).

KANT, I. (1781). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

RIBEIRO, M. F. da R. Reflexões sobre conjugabilidade e parentalidade. Um caleidoscópio de constituições familiares. *Jornal de Psicanálise*, 49(91), p. 97-109, 2016.